

O
DOMINGO
VERMELHO

MAXIMO GORKI





"Domingo Sangrento" - Ivan Vladimirov

MEPR
Brasil - 2017

Introdução

No domingo do dia 9 de janeiro de 1905 ocorreu uma tragédia que abalou de forma sem precedentes a história da Rússia. Neste dia, massas e massas de trabalhadores se reuniram em uma manifestação pacífica em São Petersburgo para entregar uma petição ao Czar. Organizada pelo padre Gapon que, apesar das constantes denúncias dos bolcheviques, apenas mais tarde se revelaria às massas como um colaborador da polícia czarista. A manifestação visava, por meio da petição, denunciar as condições miseráveis de existência nas quais os trabalhadores russos se encontravam, e cobrar do Czar uma postura de atenuar minimamente a pobreza do povo.

O regime czarista deu sua resposta em cargas de baioneta, fuzilamentos, chicotadas e coices de cavalaria, mostrando efetivamente a quem servia o aparelho de Estado: à burguesia mais reacionária da Europa, aos grandes proprietários de terra e seus capachos imperialistas da família real.

Esse horrendo massacre no qual operários, mulheres e crianças perderam suas vidas ficou conhecido como *Domingo Sangrento*. Mas sobre o sangue derramado do proletariado, as chamas da fúria revolucionária do povo acenderam, e o luminoso caminho para a Revolução Socialista de Outubro foi traçado. Desta dura lição, o proletariado russo rompia suas ilusões com o Czar e aprendia que a liberdade não se ganha, se toma, e se toma de forma violenta.

Dada a sua importância para a história da Revolução Russa e para o proletariado mundial, inúmeros artistas retrataram suas impressões sobre o Domingo Sangrento. Dentre eles, destaca-se Máximo Gorki, que por meio de suas comovedoras narrativas, transmitiu a perspectiva classista do proletariado russo: a barbárie sofrida e a conseqüente desmoralização total do Czarismo diante do povo.

Como parte da celebração internacional pela passagem dos *100 anos da Grande Revolução Socialista de Outubro*, o **MEPR – Movimento Estudantil Popular Revolucionário** – publica em livreto o conto “O Domingo Vermelho”, de Máximo Gorki.

O Domingo Sangrento e a Revolução Russa

O significado do Domingo Sangrento para o proletariado russo não passaria despercebido aos olhos do Grande Chefe do Proletariado Internacional, Vladimir Illych Ulianov – Lênin. Compreendendo o intenso salto qualitativo que a mobilização das massas daria a partir desse dia, Lênin sintetizou a experiência do Domingo Sangrento para o proletariado russo e sinalizou suas principais consequências para a luta de classes na Rússia. Em seu artigo *Jornadas Revolucionárias*, o Grande Lênin nos fornece um importante balanço desse acontecimento:

“Antes do 22 de janeiro (ou 9 de janeiro segundo o antigo calendário) de 1905, o partido revolucionário da Rússia consistia num pequeno grupo de pessoas e os reformistas de então (exatamente como os de hoje) em tom de bula nos chamavam seita. Os partidos revolucionários e a socialdemocracia revolucionária (comunistas), em particular, antes do 22 de janeiro de 1905, constituíam-se de centenas de organizadores revolucionários, milhares de membros das organizações locais, meia dúzia de periódicos revolucionários, que não apareciam mais de uma vez por mês, que se editavam sobretudo no estrangeiro e que entravam na Rússia de contrabando, vencendo dificuldades incriveis e à custa de muitos sacrifícios. Esta circunstância dava aos mesquinhos e altivos reformistas o direito formal de afirmar que, na Rússia, não havia ainda um povo revolucionário.

Em poucos meses, contudo, o panorama mudou por completo. As centenas de socialdemocratas revolucionários converteram-se de imediato em milhares; os milhares converteram-se em dirigentes de dois ou três milhões de proletários. A luta proletária produziu uma agitação geral, frequentes movimentos revolucionários entre as massas camponesas que somavam de 50 a 100 milhões de pessoas, o movimento camponês teve repercussão no exército e provocou insurreição de soldados, choques armados entre um setor do exército e outro. Deste modo, um imenso país, com cento e trinta milhões de habitantes, lançou-se à revolução; deste modo, a Rússia adormecida converteu-se em uma Rússia com um proletariado e um povo revolucionário.”

Além de apontar a relevância histórica do Domingo Sangrento para o proletariado russo, Lênin expressa as consequências práticas que essa conversão de um povo iludido com reformismo e social-pacifismo para um povo combatente e revolucionário provocaram na Rússia em seu artigo *O Começo da Revolução na Rússia*, publicado três dias após o massacre:

“A greve geral se propaga às províncias. Em Moscou, abandonaram o trabalho dez mil pessoas e se anuncia para amanhã (quinta, 13 de janeiro de 1905) a Greve Geral. Estorou a rebelião em Riga. Saem em manifestação os trabalhadores de Lodz. Estão preparando a insurreição em Varsóvia. Há manifestações do proletariado em Helsingfors. Aumenta a efervescência entre os operários e se expande a greve em Bakú, Odesa, Kíev, Járkov, Kovno e Vilna.(...) A revolução cresce. O governo começa a lançar concessões para aplacar as massas, como a promessa de implantar a jornada de nove horas de trabalho.(...) Derrocada imediata do governo: esta é a consigna que, como resposta à matança de 9 de janeiro, lançaram para os trabalhadores de São Petersburgo, que acreditavam no Czar, pela boca de seu líder, o sacerdote Gueorgui Gapón, que disse depois desse dia sangrento: *'Já não temos Czar. Separa-o do povo um rio de sangue. Viva a luta pela liberdade!'*. Nós dizemos: **Viva o proletário revolucionário!** A Greve Geral põe em pé e mobiliza a massas cada dia mais nutridas da classe operária e dos pobres da cidade. O armamento do povo passa a ser uma das tarefas imediatas do momento revolucionário. (...) Somente o povo armado pode ser o baluarte de sua liberdade”

E foi justamente naquele ano de 1905, após tanto sangue derramado pelo proletariado russo que, pela primeira vez, este, sob a direção revolucionária dos bolcheviques guiados por Lênin, se joga de forma decidida na luta encarniçada pela tomada violenta do Poder. Este segue sua marcha ascendente de manifestações, chegando à preparação e execução da Greve Geral em todo o país. E em Dezembro a insurreição armada derruba a Duma bulguiniana (espécie parlamento criado pelo Czar para iludir as massas, pois não tinha poder nenhum de decisão) e passa a arrancar suas reivindicações diretamente do Czar. Embora

não tenha conseguido desta feita culminar o seu assalto aos céus, com a retomada da ofensiva pelo Czar contra o proletariado e a revolução levando a termo milhares de prisões, exílios e execuções, esta foi a primeira Revolução Russa e sentou bases importantes para a tomada do Poder em 1917 e a construção do socialismo na Rússia e na União Soviética. Como expressou o Comitê Central do PC(b) da URSS no “Compêndio”:

“Os três anos que, pouco mais ou menos, durou a revolução (1905 a 1907) foram, para a classe operária e os camponeses, uma escola tão fecunda de educação política como não teriam podido sê-lo trinta anos de evolução pacífica e normal. O que não haviam conseguido fazer ver dezenas e dezenas de anos de desenvolvimento pacífico fizeram-no ver claramente esses poucos anos de revolução. A revolução evidenciou que o czarismo era o inimigo jurado do povo, um mal que só se podia curar com o túmulo. (...) A revolução ensinou que o chefe da revolução democrático-burguesa só podia ser a classe operária, que só ela era capaz de desalojar a burguesia liberal, os kadetes, de emancipar os camponeses de sua influência, de esmagar os latifundiários, de levar a termo a revolução e de aplinar o caminho para o socialismo.(...) Os bolcheviques demonstraram ser a única força marxista revolucionária que havia no Partido e no país.”

O Domingo Vermelho – Máximo Górkí

A multidão parecia uma onda no oceano. Avançava com lentidão, como se os primeiros fragores da tempestade não tivessem despertado ainda.

Os rostos opacos das turbas sórdidas pareciam ondas coroadas com espuma. Os olhos tinham o brilho da excitação. Se olhavam os indivíduos uns aos outros, pasmados com a decisão que haviam tomado, como se não acreditassem em si mesmos. As palavras revoavam sobre a massa tétrica como pássaros cinzentos. Falavam em vozes silenciosas e graves, como se cada qual quisesse explicar perante os demais a sua conduta.

- Sofremos em excesso... Isto está insuportável... Por isso viemos...

- Se não houvesse um motivo sério, o povo continuaria tranquilo em sua casa...

- É impossível que o czar não faça nada sobre a nossa situação... Ele nos entenderá...

As conversas giravam principalmente em torno dele. Todos abrigavam a convicção de que era bom, de que possuía um coração magnânimo, e de que atenderia à sua humilde e clamorosa súplica.

Mas nas palavras com que descreviam a sua imagem não havia vida nem cores. Se notava claramente que há muito tempo, talvez nunca, que não se havia pensado nele seriamente. Não o figuravam como um ser vivo e real, não se sabia o que ele era, e apenas se compreendia a sua função e o que ele poderia fazer. Mas, como precisavam dele, todo mundo tratava de compreendê-lo e, como se desconhecia ao que existia na realidade, começou a forjar-se, inconscientemente, na fantasia, uma imagem grandiosa.

As esperanças eram grandes, e exigiam, para a sua realização, algo também grandioso.

Às vezes saía da multidão uma voz atrevida:

- Camaradas, não se deixem enganar por ilusões...

E, como o desejo de vê-lo era, naquele momento, necessário, ouvia-se na multidão gritos temerosos e irritados com aquela voz:

- Queremos agir de forma clara!

- Cala-te, imbecil!

- O mesmo Padre Gapon...

- Já sabe o que tem de ser feito...

A multidão ainda não tinha adquirido fisionomia determinada. Apresentava somente uma silhueta imprecisa, resultando em algo largo, maleável, vago.

Caminhava inquieta pela rua estreita, ora dividindo-se em grupos separados, bem reunindo-se novamente numa massa densa, que disputava, murmurava, se agitava, chocava contra as paredes das casas, formando uma massa escura e fluida. Se alertava claramente que estava dominada por uma vaga fermentação de dúvidas, que esperava impacientemente algo que não podia prescindir e que poderia iluminar seu caminho até o fim, pela fé no êxito. Essa fé que organizava todos os grupos em um corpo forte e flexível.

O dia era tão confuso quanto a multidão. O sol, em meio a nuvens cinzentas, aparecia de quando em quando para iluminar os rostos com seu resplendor frio, e desaparecia por sua vez, cobrindo-os de novo com a sombra homogênea da incerteza. A maioria das pessoas acreditava dirigir-se para uma força poderosa, que seria capaz de tudo para melhorar a vida do povo. Muitos não creram que aquela força queria fazê-lo. Procuravam ocultar sua incredulidade, mas era difícil. Se via que a multidão estava conturbada e dominada por uma vaga inquietude, e que recebia pesadamente os rumores mais leves. Todos caminhavam escutando atentamente e buscando, obstinados, algo com os olhos.

Os que acreditavam na força interna, e não externa a eles, despertavam na multidão o espanto e a irritação. Em todos os discursos transparecia claramente o desejo de criar um poder titânico e uma mão firme, capaz de varrer de um só golpe todas as injustiças da vida. A medida que avançava, a multidão crescia rapidamente, e este crescimento externo provocava a sensação de um crescimento interno, e despertava no povo explorado a consciência de seu direito a eleger as autoridades que se preocuparão com suas necessidades.

- Não somos umas simples bestas!
- Ele nos entenderá. É só isso que pedimos...
- Camaradas, a liberdade não se pede, se toma...
- Ah, meu deus...
- Contanto que nos deixem vê-lo...
- Lhe darei um pontapé! Que vá ao diabo e nos deixe em paz!
- O padre Gapon sabe melhor do que ninguém o que devemos fazer...

Quando os homens necessitam de uma fé, esta fé surge, e o que desejam ardentemente, sobrevém...

Um homem de estatura elevada, envolto em um gibão negro e usado, subiu sobre uma pedra e, retirando seu chapéu da cabeça calva, começou a falar muito alto, com voz solene. Seus olhos brilhavam e sua voz tremulava.

Falava sobre ele.

Pelo tom e pelas palavras empregadas se notou, desde o primeiro momento, que aquele discurso era algo artificial. Lhe faltava essa mesma fé que pode ser propagada aos demais e que é capaz de fazer milagres. Fazia o papel de um homem que falava de má vontade e que tratava de despertar e evocar em sua imaginação uma imagem quase morta, impessoal, gasta pelo tempo. Durante toda sua vida tinha pensado naquele homem misterioso. Mas naquele momento lhe era necessário, e quis atribuir todas as suas esperanças ingentes que pouco a pouco reanimavam o cadáver. A multidão escutava-lhe atenta, porque via seus desejos refletidos naquelas palavras.

Ainda que a ideia sobre aquela força misteriosa não correspondesse à imagem que se havia formado na multidão, todo mundo sabia, entretanto, que aquela força existia.

Era preciso a todo custo e o mais rápido possível encontrá-la, e o orador a encarnou no seu conhecido por todos nos retratos e nas histórias que pintavam-na como um ser bondoso e humanitário. Segundo suas palavras, elevadas e compreensíveis, poderia figurar-se um ser bom, justo, que não pensava em nada mais além de seu povo.

A fé vinha, penetrando em todos os corações, excitando-os, desvanecendo as confusões da consciência recém-desperta, afogando o doce sussurro das dúvidas. As pessoas entregavam-se rapidamente aos sentimentos esperados há tanto tempo e se alongavam em uma massa compacta de corpos. E o tropeçar e tocar dos braços, pernas e ombros enchia os corações com uma nova fé recém-nascida e com uma esperança de êxito.

Os rostos se animavam, brilhavam mais intensamente os olhos, a caminhada se fazia mais rápida, a aceleração de todos os movimentos do corpo aumentava mais ainda a excitação interna. A multidão crescia sem cessar.

Fazia ainda mais calor, e as vozes tremulavam com mais força.

- Bandeiras vermelhas, não! - gritou o homem calvo.

Ia na primeira fileira, gesticulando diante da multidão, com seu chapéu na mão, e seu crânio descoberto brilhava sobre o sol, atraindo os olhares de todos.

- Vamos ver nosso padre!

- Sim, sim! Vamos!

- Acreditamos nele!

- Não tolerará que nos façam sofrer!

- A cor vermelha é a cor do nosso sangue, camaradas! - gritou obstinadamente uma voz isolada, que se elevava sobre a multidão.

- A única força que pode dar ao povo a liberdade é a sua própria força, e nenhuma outra!

A multidão, embriagada por seu próprio ímpeto e contenta com sua decisão, grunhiu:

- Abaixo! Abaixo! Basta de discursos!

- Ele nos entenderá!

- O que você está falando, velhote?

- Se nos deixam vê-lo...

- Não escuteis aos provocadores de tumulto! Que o diabo os leve!

- O padre Gapon leva em suas mãos a cruz, enquanto eles nos embrutecem com suas bandeiras...

- É demasiado jovem para mandar em nós!

- Queremos agir com tranquilidade...

- Que vá embora com suas bandeiras!

Caminhavam depressa e sem vacilações. A cada passo se fazia claro que a embriaguez e o desejo de enganar-se fervia no corpo de todos. A imagem criada despertava perseverantemente em sua memória as velhas sombras dos heróis bondosos, os ecos débeis dos contos ouvidos na infância, e tudo isso se consolidava graças àquele desejo ardente de crer.

Alguém gritou:

- Ele ama a todos nós!

A multidão sentia uma afeição profunda pelo ser que acabava de criar em sua imaginação.

Muitos estavam deslumbrados pela imagem do reanimado semideus.

Quando a multidão saiu da rua para cruzar o rio e se deparou com uma larga formação de soldados que lhe bloqueava a passagem da ponte, não se deteve diante daquele muro cinzento.

As silhuetas dos soldados, que se destacavam distintamente sobre o fundo azul do largo rio, não possuíam nada de ameaçador. Os soldados saltavam para aquecer seus pés descalços e agitavam os braços, atropelando uns aos outros.

Ali, um pouco mais abaixo, do outro lado do rio, ele os esperava.

Poderoso, bom, forte e cordial, certamente não ordenaria aos soldados que impedissem o povo, que lhe amava e que queria falar-lhe em tom de amizade; que fora vê-lo.

Não obstante, em muitos rostos, especialmente das pessoas que ocupavam as primeiras fileiras, se pintava claramente uma expressão de dúvida e vacilação. Encurtaram o passo. Uns olharam para trás, outros se distanciavam da fileira, mas todos queriam aparentar que já esperavam os soldados e sua presença não os surpreendia. Alguns contemplavam o anjo de ouro que brilhavam, muito alto, no céu, sobre a sombria fortaleza. Uns poucos sorriam.

Uma voz apiedada clamou:

- Pobres soldadinhos, estão com frio!

- Pois é, pois é...

- Não tem nada para fazer, mas devem permanecer de pé o tempo todo.

- Estão aqui para assegurar a ordem!

- Suavemente, camaradas. Permaneçam tranquilos.

- Adiante!

- Viva os soldados! - gritou um.

O oficial, com o capuz amarelo sobre os ombros, desembainhou o sabre e gritou por sua vez algo à multidão, agitando nos ares a sua espada curvada. Os soldados permaneciam imóveis, braço a braço.

- O que estão fazendo? - perguntou, olhando-os, uma mulher gorda.

Ninguém respondeu. E todos começaram a sentir um súbito mal-estar.

- Atrás! - gritou o oficial.

Alguns homens olharam para trás. A multidão compacta aumentava a cada momento. Seu aspecto, com todas as pessoas que sem cessar afluíam das ruas próximas, era como o de um rio caudaloso que agitava continuamente suas ondas sombrias.

A multidão, cedendo aos empurrões, ia dando lugar às novas pessoas que vinham engrossá-la e enchia a praça que havia diante da ponte.

Alguns homens agitavam panos brancos e avançavam em direção ao oficial, gritando:

- Queremos falar com nosso czar!

- Muito humildemente!
- O que você disse?
- Para trás, ou eu mando disparar!

Quando estas palavras chegaram à multidão, se elevou no ar um eco surdo de surpresa.

A ideia de que não seria permitido ao povo falar com o czar não era de todo inesperada, pois já se falava dela. Mas a ideia de que se poderia disparar contra o povo, que desejava falar-lhe humildemente, acreditando em sua força e sua bondade, estava em completo desacordo com a imagem formada de última hora. Se lhe acreditava como uma força superior a todas, que não temia a nada nem ninguém, que não necessitava rechaçar a seu povo com fuzilamentos. A ameaça de disparar era incompreensível, até mesmo ofensiva.

Um homem alto e magro, de rosto faminto e negros olhos, gritou ao oficial:

- Disparar?! Não te atreverias!...

E, voltando-se para a multidão, seguiu em voz alta, cheio de cólera:

- Vejam, vejam como tinha razão! Já nos disse que não nos permitiriam...
- Isso ainda vamos ver!
- Quando souberem do que se trata, nos deixarão passar...

O ruído se fazia cada vez maior. Se ouviam gritos ameaçadores e exclamações irônicas. O bom senso se chocou com o absurdo do obstáculo e não soube o que dizer. A movimentação das gentes se fez mais nervosa e mais agitada. Do rio, um frio agudo se levantava. As baionetas brilhavam no ar.

A multidão seguia avançando, empurrada por aqueles que vinham ao final. Os que levavam os panos brancos pararam e em seguida desapareceram da multidão, e os que iam nas primeiras filas, homens, mulheres, crianças, agitavam seus panos.

- Por que disparar? Que absurdo! - disse firmemente um homem de barba cinzenta. - Se não nos deixam passar pela ponte, passaremos pelo rio congelado.

Logo após, um ruído seco e monótono estremeceu os ares, como se pequenos objetos duros tivessem caído de grandes alturas, molestando a multidão com uma dezena de chicotes invisíveis. Durante um segundo, as vozes se paralisaram, como se estivessem congeladas. A multidão continuou avançando.

- Os fuzis estão carregados somente com pólvora, não com balas. - disse uma voz débil e insegura, como se não afirmara, mas sim pedisse o parecer dos demais.

Mas em torno se ouviam os gemidos. Em terra, aos pés da multidão, jaziam vários corpos. Uma mulher, exalando dolorosos gritos, levou a mão ao peito, e com passos rápidos avançou até as baionetas apontadas para ela. As pessoas a seguiram, correndo, rodeando-a e ultrapassando-a.

Logo se ouviu outra vez o ruído dos disparos, mais ressonante e irregular que os primeiros. Os que se encontravam junto à cerca ouviram o quebrar das tábuas de madeira, como se dentes invisíveis as tivessem mordido. Uma bala, depois de haver rompido a cerca, lançou aos rostos da multidão uma chuva de farpas.

Caíam os indivíduos dois a dois, três a três, derrubando-se sobre a terra; levavam as mãos, em alaridos de dor, aos ventres feridos; logo levantavam-se, corriam coxeando, sem dar conta para onde estavam indo, pela

neve, salpicada em todas as partes por manchas vermelhas, que se faziam cada vez maiores, e que exalavam um vapor que atraía a vista e fascinava.

A multidão retrocedeu, se deteve um instante como petrificada, e logo estourou em gritos selvagens, produto de mil vozes, que se elevaram no ar como uma nuvem interrompida, tremulante, saturada de gritos agudos de dor, de vingança, de horror, de cólera, de incompreensão piedosa e gritos de socorro.

Com as cabeças abaixadas, as pessoas se dividiam em grupos para recolher os feridos. Os feridos gritavam de dor, mas também ameaçavam com os punhos. Todos os rostos haviam adquirido, de repente, uma nova expressão, e iluminava todos os olhos um resplendor sinistro. Não era o pânico, esse estado de horror geral que se apodera, prontamente, dos homens interna e externamente, que varre os corpos em uma massa compacta, como o vento varre as folhas; os envolve em uma rede invisível e os arrasta não se sabe para onde, entre o turbilhão selvagem e o desejo de se esconder. Não. Era o terror, mas o terror frio e ardente ao mesmo tempo, como o ferro frio, que paralisa o coração, encolhe o corpo, fazia-os olhar com os olhos muito abertos o sangue absorvido pela neve, as caras ensanguentadas, as mãos, os vestidos, os cadáveres, que conservavam uma tranquilidade trágica em meio aos vivos. A multidão era vítima de uma cólera ágrria, dolorosa e impotente. Não sabia o que fazer. Se viam em todas as partes olhares estranhamente imóveis, sobrancelhas severamente pronunciadas, punhos crispados com força, gestos convulsivos, e se ouviam palavras duras e ásperas. Os corações, sobretudo, estavam invadidos por uma fria onda de surpresa mortificante e cruel. Uns minutos antes, todos aqueles homens marchavam alegremente, vendo com claridade o seu fim, e diante deles se elevava majestosamente uma imagem poética, que admiravam e amavam. E, ébrios daquele amor, caminhavam animados de grandes esperanças. Mas as investidas dos fuzis, o sangue, os cadáveres, os gritos de dor – acabaram com tudo. As pessoas se calaram, de súbito, diante do vazio cinzento sem fundo, isoladas e impotentes, com os corações desgarrados, sentindo dolorosamente o que acabavam de perder e experimentando a necessidade apremiante de preencher com algo o terrível vazio da alma e de expulsar do coração aquele frio insuportável.

Naturalmente, lhes custava muito separarem-se da imagem do czar que haviam forjado, aquela imagem que, ainda pouco, lhes parecia tão próxima, tão indispensável, tão luminosa.

Permaneceram ali, no mesmo lugar, como contidos por forças invisíveis, contra as quais nada podiam fazer. Uns, silenciosos, com ar pensativo, transportavam os feridos e recolhiam os cadáveres. Outros, sem compreender nada, lhes olhavam pasmados, como sonâmbulos, em uma passividade estranha. Alguns lançavam aos soldados reprovações e queixas, agitavam as mãos, tiravam os gorros; saudavam, sem saber a quem nem por que, e ameaçavam com a vingança terrível de algo misterioso.

Os soldados, com os rostos rígidos e a pele mais tensa que de costume, permaneciam imóveis, com o fuzil apoiado nos pés. Parecia que todos tinham os olhos azuis e os lábios comprimidos pelo frio.

Na multidão, alguém clamou com voz forte e histérica:

- É um erro! Sim, irmãos, é um erro! Estão enganados, nos tomaram por outros... Não tendes medo, tudo se explicará... Há de ser explicado!... Adiante, irmãos... Ah, meu deus! Que desgraça, que desgraça!

- Gapon, és um traidor! - vociferava com todas as forças um jovem, quase um menino, agarrando-se a um bico de gás.

- Vês, camaradas, como lhes acode o czar?

- Espera, você está errado... É impossível, compreendeis que é impossível!... Se tu eres um homem, o compreenderá.

- Eu sou um homem, mas vocês não são mais que ovelhas, um rebanho de ovelhas, e assim são tratados!

- Atenção... Abram caminho...

- Abram caminho para o ferido!...

Dois homens e uma mulher conduziam a um homem fraco e de elevada estatura. Estava coberto de neve. Das mangas de seu abrigo gotejava o sangue. Seu rosto estava azulado. Com seus lábios sombrios, murmurava penosamente:

- Já os havia dito... que não nos deixariam passar... Se escondem... Se esquivam do povo...

- Cuidado! A cavalaria avança sobre nós!

- Fugamos!

A barreira de soldados deslocou-se um pouco e se abriu como dois portões. Pelo meio, passavam agitando e relinchando, os cavalos dos esquadrões. A voz do oficial foi ouvida. Reluziram os sabres, cortando o ar, sobre a cabeça da multidão, brilhantes como fitas de prata.

A multidão não se movia. Esperava emocionada, crendo que não se atreveriam a fazê-la sofrer ainda mais.

Se fez o silêncio.

- Adiante!- gritou de pronto, com todas as suas forças, o oficial.

E foi como se um furacão açoitasse a multidão diante de suas próprias faces. A terra parecia estremecer sob os pés. Todos começaram a correr loucamente, ora empurrando, ora puxando uns aos outros, abandonando os feridos e saltando sobre os cadáveres.

Os cavalos os perseguiram, galopando pesadamente, impelidos por gritos e pelos alaridos dos soldados. Saltavam sobre os caídos, sobre os feridos, sobre os mortos. Os sabres reluziam no ar, que se estremecia com gritos de terror e de dor. De quando em quando ouvia-se o sibilo do aço e o romper dos nervos humanos partidos pelos sabres. E os lamentos das vítimas se uniam em um terrível gemido prolongado.

- A-a-a-a-ah....

Os soldados agitavam seus sabres, deixando-os cair sobre as cabeças do povo. Depois de cada golpe, seus corpos se inclinavam ligeiramente a um lado. Suas caras estavam rubras, inchadas, agitando as cabeças e mostrando os dentes de uma maneira horrível.

A multidão era rechaçada até as ruas mais próximas. Quando cessou o golpe dos cavalos e a perseguição, as pessoas se detiveram, sufocadas, olhando umas as outras com dolorosa surpresa. Muitos rostos desenhavam um sorriso confuso, de quem se crê culpado. Alguém gritou, rindo:

- Ah meu deus, como eu corri...

- Ainda bem, se não o teriam esmagado. - Lhe responderam.

E, de pronto, se elevaram de todas as partes explosões de assombro, de terror, de cólera.

- Mas o que significa isso, meus irmãos? Que fazem conosco?

- Nos assassinam, simplesmente, cristãos!

- Mas por que?

- Sim, que crime nós cometemos?

- Este é o governo!
- É um verdadeiro assassinato!
- Nos ferem, nos matam...

As gentes sentiam a necessidade de se expressar, formulando em palavras a indignação que lhes consumia. Ninguém sabia o que convinha fazer. Não se sabia nada. Se apertavam uns contra os outros. Todos tratavam de encontrar uma saída qualquer àquele labirinto inexplicável de novos sentimentos e novos pensamentos. Com uma inquieta curiosidade olhavam uns aos outros bem nos olhos, e, mais assombrados que espantados, esperavam algo, escutavam, olhavam em torno.

Estavam estupefatos, aplastados pelo espanto, que dominava as demais emoções, impedindo-as de se expressarem no curso daqueles minutos inutilmente cruéis, horríveis, manchados com o sangue dos inocentes.

Uma voz jovem, cheia de energia, gritou imperiosamente:

- Pronto, senhores! Agora vamos recolher os feridos!

Todos se agitaram, pondo-se em marcha em direção ao rio. Ao seu encontro e andando com dificuldade sobre a neve vinham os feridos e os mutilados, cobertos todos de neve e sangue, aos quais se acudia e levava-se a uma carruagem – não sem antes expulsar aqueles que estavam dentro – que os levaria a alguma parte.

As pessoas estavam tristes, taciturnas, preocupadas. Examinavam com a vista os feridos, como se quisessem pesá-los ou medi-los. Pareciam buscar uma resposta à questão perturbadora e terrível que se elevava diante deles como uma sombra negra, vaga, de forma imprecisa, que envolvia destruindo a imagem daquele ser a quem a multidão havia tomado recentemente por uma fonte de bondade e de misericórdia. Era triste e doloroso confessá-lo, porque, ao fazê-lo, se perdia a única esperança.

Um homem calvo, envolto em um abrigo velho, avançava lentamente ao encontro da multidão. Tinha a cabeça ensanguentada, suas pernas cambaleavam e caminhava com grande esforço. Outro homem jovem, largo de ombros, sem gorro, de cabelos encaracolados e uma mulher com traje esfarrapado, de rosto pálido, lhe sustentavam pelos braços.

- Ei Mikhailo... - balbuciava o ferido – Que te parece isto? Eles têm o direito de disparar contra o povo? Isso não pode ser...
- E, no entanto, assim o fazem! - gritou alguém da multidão.
- Sim, se dispara... , se assassina – disse tristemente a mulher.
- Isso porque os soldados receberam ordens de cima, se não, não teriam se atrevido! - replicou o ferido debilmente.
- Eu assim o creio! - Exclamou o jovem – Crês tu que o czar por acaso ia permitir que o molestasse, que ia falar contigo e o escutar, que ia oferecer-te um copo de vinho?
- Mas entendamo-nos...

O ferido se deteve e, com a espalda apoiada na parede, se pôs a falar mais alto:

- Vamos ver, meus irmãos em Cristo... Por que nos matam? Em virtude de que lei? Quem ordenou?

As pessoas passava diante dele cabisbaixas.

Em outro lugar, junto ao cercado, se reuniram várias dezenas de homens. Ao centro do grupo, uma voz conturbada soava, ansiosa e colérica:

- Gapon estava a ver ontem o ministro. Sabia de tudo, sabia que iam nos assassinar. Gapon, por conseguinte, é um traidor! Nos conduziu até a morte!

- Mas que proveito poderia ele ter disso?

- Eu lá sei por acaso? Por que disparam contra o povo? Quem saberá? Quem poderá nos responder?

A emoção aumentava em todas as partes e se fazia cada vez mais intensa. Surgiam diante de todos uma multidão de problemas, vagos ainda, pouco precisos, mas cuja gravidade todos sentiam, assim como sua profundidade, sua importância e a necessidade urgente de encontrar uma resposta a todo custo. E o fogo daquela emoção parecia consumir e desfazer completamente a fé naquele socorro externo, que para eles, algumas horas antes, havia sido considerado como algo benfeitor e todo-poderoso.

Pelo centro da rua marchava uma mulher gorda, mal vestida, com expressão de mãe e grandes olhos tristes. Chorava e, sustentando com sua mão direita a mão esquerda ensanguentada, dizia:

- Vê... Vê como acabam de mutilar-me... Como vou trabalhar agora? Como darei de comer a meus filhos? ... E a quem posso queixar-me?... Meus queridos irmãos, onde estão os defensores do povo se o mesmo czar se põe acima dele?... A quem devemos ir com nossas penas?

Suas perguntas, formuladas com clareza e em voz alta, pareciam despertar as gentes, enchendo-as de novas inquietações e perturbações. Todos a escutavam atentamente e com ar taciturno.

- Então – seguia – o povo está sozinho, sem defesa? Então não existem leis para ele, nem socorro, nem força alguma que auxilie? Como vamos viver agora? Em quem podemos confiar?

Ao seu redor, as pessoas permaneciam em silêncio. De vez em quando se ouvia um suspiro. Alguns, em voz baixa, proferiam juramentos de maldição.

De longe chegavam mais vozes:

- Sim! Vê como nos ajudaram! Acabaram de quebrar a perna do meu filho!

- A pobre mulher morreu! A mataram!

- Petruja morreu também!

Aqueles gritos eram múltiplos, enchiam as ruas, feriam como chicotes os ouvidos e despertavam um desejo de vingança, uma cólera surda, a necessidade urgente de se defender contra os assassinos. Os rostos pálidos pareciam animados por uma decisão firme.

- Camaradas! Sigamos adiante... se quisermos obter algo... vamos em pequenos grupos...

- Nos assassinarão a todos...

- Falemos com os soldados... Quiçá existe alguma lei que permite o fuzilamento do povo... nós sabemos, por acaso?

- Não, não sabemos de nada, nem o que beneficia nem o que vai contra nós...

A mentalidade da multidão caminhava lenta, mas irresistivelmente, e estava se fazendo temerosa.

Os jovens se adiantavam em grupos pequenos. Todos caminhavam até o rio.

Seguiam transportando os feridos e os mortos. O sangue cálido escorria. Soavam lamentos e gritos.

- Uma bala atravessou o rosto de Jacó Zimis.

- Graças ao nosso paizinho, o czar!

- Sim, ele bem que nos ajudou!

Se ouviram alguns juramentos. Um quarto de hora antes e a multidão haveria linchado quem tivesse atrevido a insultar o czar.

Uma menina corria entre a multidão, gritando:

- Não viram vocês a minha mãe?! Ela é bem grande!

As pessoas olhavam-na em silêncio, e como se tivesse medo daquela pequena, se apartavam de seu caminho.

Pouco depois soou a voz da mulher do braço mutilado:

- Aqui estou! Aqui estou!

A rua estava ficando deserta. Os jovens corriam apressadamente. Os velhos caminhavam lentamente, melancólicos e pensativos, de dois em dois ou três em três, olhando furtivamente para os mais novos. Todos tentavam adivinhar os pensamentos alheios. Falavam pouco. Só de vez em quando alguém, não podendo conter sua raiva, gritava com a voz abafada:

- Eles riram da cara do povo...? Por que?

E outra voz, carregada de indignação, respondia:

- São assassinos malditos! Que mais teriam feito?

E ao passo que sentiam uma piedade sincera pelos mortos, se davam conta de que havia morrido outra coisa também, seu antigo preconceito de escravos, e já não se atreviam a pronunciar o nome daquele ser cuja imagem fora destruída pelas balas de seus soldados, nome que só despertava nos corações o desprezo e a cólera.

Ou talvez não se atrevessem a pronunciá-lo por temor de que no lugar da imagem desvanecida aparecesse outra...

A casa do czar estava protegida por um cinturão de soldados. Debaixo das janelas do palácio se via a cavalaria. Se sentia o odor do feno, do esterco, do suor dos cavalos, e se ouvia o ruído dos sabres, das esporas, das vozes de comando.

Rodeava os soldados por todas as partes uma massa compacta, composta por dezenas e milhares de homens indignados e enraivecidos. Falavam com a voz tranquila, porém grave, empregando palavras novas, em que se adivinhavam novas esperanças, ainda que vagas para eles mesmos.

Uma companhia de soldados guardava desde a parede do palácio até a cerca do jardim, bloqueando o caminho da multidão até a praça do palácio. Ao lado da coluna, se estendia a multidão infinitamente grande, muda, negra.

- Marchando, senhores! - dizia à meia voz o suboficial, tratando em vão de esconder seus olhos inquietos e agitados.

Caminhava diante da companhia, gesticulando ligeiramente com as mãos e com os ombros para a multidão, evitando olhar nos rostos que a compunham.

- Por que não nos deixa passar? - lhe perguntaram.

- Passar para onde?

- Para ver o czar.

O suboficial se deteve um instante, e com voz abatida, quase dolorosa, exclamou:

- Não lhes disseram que ele não está?

- O czar?

- Claro! Estamos cansados de repeti-lo. Marchando!

- Então não há czar? - perguntou uma voz irônica.

O suboficial se deteve novamente, e levantou a mão em um gesto ameaçador.

- Tem cuidado com o que dizes.... Que você pode pagar caro.

E respondeu em outro tom:

- O czar não está em São Petersburgo.

Várias vozes lhe responderam:

- Nem em outro lugar qualquer!

- Não há mais czar!

- Vocês mesmos devem tê-lo fuzilado!

- Sim, vocês deviam ter fuzilado ele, e não ao povo!

- Ao povo não se pode matar! É demasiado forte de todo-poderoso!

- Sim, vocês mataram o czar! Não se dão conta disso?

- Marchando, senhores! Basta de discursos!

- Não! Eu quero falar!

Em outro lugar, um velho de cavanhaque pontiagudo dizia aos soldados, com uma bondade admoestadora:

- Sois homens como nós, meus filhos. Hoje vestis uniformes, mas amanhã vestirão um traje como o nosso, e para não perecer de fome, buscarão trabalho. Então se enxergarão em nossa mesma situação, e contra vocês se lançarão outros soldados para os fuzilar. E os fuzilarão unicamente porque vocês não querem morrer de fome. Acreditam ser justo isto?

Os soldados tiritavam de frio. Sem cessar mudavam de postura, golpeavam a terra com os pés, subiam o cachecol do pescoço aos ouvidos e trocavam o fuzil de uma mão para outra. Às palavras que lhes eram dirigidas, contestavam com olhadelas turvas, mordiscando os lábios azulados pelo frio. Seus rostos, também azulados, revelavam tristeza e esforço para compreender o que se falava. Seus olhos pestanejavam, como se não pudessem ver. Alguns se sentiam furiosos contra aquela multidão, por cuja causa se viam forçados a permanecer ali, expostos ao frio. Seus lábios se contraíam, seus olhos pareciam assaltar a multidão, e se

percebia que controlavam sua raiva com dificuldade. Em geral, aquela linha opaca e monótona de soldados dava a impressão de um imenso tédio fatigoso.

A multidão continuava de frente para eles. Empurrada pelos detrás, ela se chocava de quando em quando nos soldados.

- Não empurrem! - clamava com voz débil o velho bondoso.

Alguns indivíduos da multidão pegavam os soldados pelas mãos e lhes falavam animadamente. Os soldados lhes escutavam com uma expressão tímida e infeliz, piscando os olhos com impotência e mal-estar.

- Não toque no fuzil! - advertiu um deles a um jovem trabalhador coberto com um gorro.

O trabalhador golpeava com o dedo o peito do soldado e dizia:

- Você é um soldado, não um carrasco! Te convocaram às fileiras para defender a Rússia contra os inimigos de fora, não para fuzilar o povo! Como você não entende isso? O povo é a Rússia. Ao disparar contra o povo, é a Rússia que você assassina!

- Mas nós não disparamos! - replicou o soldado.

- Olhe! - continuou o trabalhador – Essa multidão é a Rússia, é o povo, e ele quer ver o seu czar!

Alguém lhe interrompeu, gritando:

- Mas o povo não pode vê-lo!

O trabalhador insistia:

- É um crime que o povo pretenda falar com o czar? Diga-me, é um crime?

- Eu não sei nada sobre isso! - respondeu o soldado, golpeando o solo.

O soldado que estava ao seu lado advertiu:

- Nos está proibido falar com vocês.

Outro soldado perguntou a um trabalhador que tinha diante de si:

- Você é da região de Riazan?

- Não, sou da de Pakoff, por que?

- Porque eu nasci lá em Riazan.

E iluminou seu rosto com um franco sorriso.

A multidão se agitava diante da barreira cinzenta e uniforme dos soldados e se chocava contra ela, como as ondas do rio contra as pedras da margem. As pessoas retrocediam um pouco e, em seguida, avançavam novamente. A maioria não compreendia sequer por que estava ali, o que queriam, o que esperavam. A multidão não possuía intenções determinadas nem um fim claramente concebido. Era presa de um amargo sentimento de raiva e indignação, que a retinha ali na rua, que lhe atava, que lhe unificava. Mas não havia ninguém a quem se poderia vingar, dando plena liberdade aos seus sentimentos. Os soldados não despertavam a ira, nem irritavam. Eram simplesmente estúpidos, pouco inteligentes, desgraçados, e, além disso, o frio lhes congelava, fazendo-os estalar os dentes.

- Estamos aqui desde as quatro da manhã!- diziam – É horrível!

- Vivemos uma vida de cães!

- Vocês fariam melhor caindo fora. Assim nós poderíamos voltar ao quartel para nos aquecer um pouco...

- Que horas são?

Era por volta das duas da tarde.

O suboficial se dirigiu novamente à multidão:

- Vocês causam muito alvoroço ficando por aqui. Não há nada nem ninguém lhes esperando.

Suas palavras serenas, seu rosto grave e o tom sério e firme da sua voz acalmava um pouco as pessoas. Em tudo o que dizia se adivinhava um sentimento particular, mais profundo que suas palavras.

- Aqui está demais. Não fazem nada além de molestar os soldados.

- Vai disparar contra nós? - lhe perguntou um jovem que levavam ao pescoço um grosso lenço.

O suboficial, tranquilamente, respondeu depois de um curto silêncio:

- Se nos é ordenado, dispararemos!

Aquilo provocou uma explosão de gritos cheios de reprovação.

- Por que, diga-nos, por que disparaís? - perguntou, mais alto que todos, um homem vermelho de elevada estatura.

- Não compreendeis que é a ordem? - replicou o suboficial, acariciando desconfortavelmente a própria bochecha.

Os soldados escutavam o rumor da multidão e baixavam tristemente os olhos. Um disse em voz baixa:

- Tomaria agora com gosto uma bebida quente.

- Talvez você queira o meu sangue?- perguntou uma voz cheia de ódio.

- Não sou uma besta selvagem! - replicou severamente o soldado.

Os soldados estavam frios e sem vida como seus fuzis. Alguns indivíduos da multidão tinham perfeita noção disso.

Muitos olhos contemplavam a larga fileira de soldados com uma fria curiosidade silenciosa, com desprezo e com desgosto. Mas a maioria tratava de comunicar-lhes o fogo de sua própria excitação, de comover seus corações oprimidos, de iluminar suas cabeças escurecidas pela estupidez. A maioria sentia a necessidade de fazer algo e de dar livre curso, de uma ou outra maneira, às suas emoções e seus pensamentos. Lutavam obstinadamente contra aquela muralha viva, fria e cinzenta, enquanto os soldados manifestavam um único desejo: de aquecer seus corpos.

Os discursos iam se fazendo cada vez mais apaixonantes, e as palavras, cada vez mais ardentes:

- Soldados! - dizia um homem forte, de olhos azuis e com uma longa barba – Quem são vocês? Vocês são filhos do povo russo. O povo está empobrecido, abandonado, sem defesa, nem trabalho, nem pão. Hoje ele veio implorar o socorro do czar. Mas o czar os ordena que dispare contra o povo e o assassine. Soldados! O povo, quer dizer, seus pais e seus irmãos, se preocupam não só com si mesmos, mas com vocês também. E se vocês o atacam, investem contra o povo, e se convertem em parricidas e fratricidas, pensem bem! Não compreendeis que assassinam a si mesmos?

Aquela voz tranquila e convincente, aquele rosto simpático com fios de prata saindo de sua barba, todo o aspecto, em suma, daquele homem, com suas palavras justas e sinceras, atingia visivelmente aos soldados. Baixavam os olhos diante de seu olhar, escutando-lhe com atenção. Alguns, às vezes, sacudiam a cabeça e suspiravam. Outros franziam a testa, olhando em torno.

Um soldado exclamou docemente:

- Quietos! O oficial vai ouvi-los!

Um oficial alto, louro, de grandes bigodes, passou ao longo da coluna com uma luva na mão direita e balbuciou com os dentes rangidos:

- Circulando! Dispersem-nos! Como é? Cala-te, se você não quiser receber uma boa lição!

Seu rosto era cheio, rosado, de olhos claros, redondos e sem brilho. Andava devagar, pisando fortemente. Desde que havia chegado, o tempo passava mais depressa, como se cada segundo se apressasse para desaparecer, com medo de que algo ignóbil e dilacerante chegasse. Dir-se-ia que pela reta em que se posicionavam os soldados, estavam alinhados por uma régua invisível. Os soldados adotavam uma postura marcial, levantavam os peitos e olhavam para a ponta dos pés. Alguns dirigiam ao povo olhares expressivos. Com expressões severas comunicavam as pessoas a se afastarem, por medo do oficial. Parando em uma das pontas da coluna, o oficial gritou:

- Haja ordem!

Os soldados se agitaram por um momento e não voltaram a se mover.

- Volta a repetir: circulem! - disse o oficial, e, sem precipitar, desembainhou o sabre.

Era impossível se afastar. A multidão inundava a praça e de todas as ruas chegava mais gente.

Olhares de ódio eram lançados ao oficial, ouviam-se blefes e insultos, mas ele permanecia tranquilo. Suas sobrancelhas tremeram um pouco.

A multidão agitada parecia molestada por aquela tranquilidade, inadequada para o momento, e nela percebiam um desprezo às pessoas do povo.

- Este não temerá violentar-nos!... Vocês vão ver!

- É um verdadeiro assassino...

- Está disposto a fuzilar sem aguardar a ordem!

- Olhem! Se diria que está feliz por estar de sabre na mão!

- É verdade que você está disposto a disparar?

O êxtase impetuoso crescia, e um sentimento de bravura desenfreada nascia. Os gritos se faziam mais intensos, e mais penetrantes eram as chacotas.

O suboficial olhou a seu chefe e, estremeando, pálido, desembainhou por sua vez o sabre.

Subitamente, os toques agudos e lúgubres de uma corneta rasgaram os ares. A multidão olhou para o que tocava e soprava com todas as suas forças, fechando os olhos. A corneta tremia em suas mãos, deixando-se ouvir por muito tempo. As pessoas respondiam seus sons metálicos com sibilos agudos, maldições, alaridos, clamores de reprovação, lamentos de impotência dolorosa, gritos de desespero e bravura, nascidos pelo sentimento de morte imediata e impossível de evitar. Parecia sobre-humano salvar-se dela. Algumas pessoas

se jogaram no chão, apertando-se contra o solo, outras tapavam a cara com as mãos. O homem de barba larga ajeitou o abrigo aos ombros, mantendo-se de pé diante de todos e olhando para os soldados com seus olhos azuis. Lhes falava, dizendo algo incompreensível, que se perdia no caos dos gritos.

Os soldados levantaram os fuzis, apontaram para a multidão, imóveis, em uma posição rígida, com suas baionetas armadas.

A fileira de baionetas que se formava estava suspensa no ar de modo irregular e indeciso, umas demasiado altas, outras demasiado baixas. Só algumas apontavam retilíneas ao peito, e todas pareciam macias e tremiam, como se dobrassem.

Uma voz exclamou cheia de horror e repugnância:

- Que estão fazendo? Assassinos!

As baionetas estremeçeram no ar e uma descarga estalou. As pessoas retrocederam um pouco, rechaçadas pelo estrépito, pelo disparo, pelos mortos e pelos feridos que caíam por terra. Alguns, em silêncio, saltavam a cerca do jardim.

Se ouviu outra descarga. E depois outra.

Uma criança, atingida por uma bala no momento que saltava a cerca, se inclinou de repente e ficou suspensa, com as pernas para o ar. Uma mulher esbelta, de elevada estatura e abundantes cabelos, caiu, lançando um grito ao lado do pequeno.

- Assassinos! - berrou alguém

O espaço vazio aumentava cada vez mais, e o silêncio se fazia mais profundo. Os que estavam nas últimas fileiras fugiam pelas ruas imediatas ou se escondiam nos pátios. A multidão retrocedia penosamente, obedecendo a um impulso invisível. Entre ela e os soldados, em um espaço de vários metros quadrados, uns corpos jaziam por terra. Alguns deles se levantavam precipitadamente e corriam para a multidão. Outros se levantavam com doloroso esforço, deixando detrás de si manchas de sangue, e avançavam vacilantes, a passos lentos. Muitos corpos permaneciam imóveis, com os rostos olhando para o céu ou contra a terra, paralisados pela morte, e seus membros estavam rígidos pela tensão, como se estivessem se esforçando para desprender-se dos braços da morte.

O ar estava impregnado do odor do sangue, que recordava a brisa morna e salgada do mar no anoitecer dos dias cálidos. Mas era um ar enjoativo, que embriagava, dando uma sede desagradável. Se se aspirava por muito tempo, inspirava maus pensamentos e pervertia a imaginação, como poderia acreditar os criminosos e os assassinos por profissão.

A multidão gemia enquanto se afastava. E os juramentos, as maldições, os gritos de dor se misturavam em um confuso turbilhão. Os soldados conservavam uma posição rígida, imóvel, como se estivessem mortos. Seus rostos estavam pálidos e apertavam os lábios com força. Parecia como se eles tivessem também a necessidade de gritar e de jurar, mas não se atreviam, apenas se continham. Olhavam fixamente, com olhos muito abertos. Seus olhares, profundos e límpidos como o ar úmido de um dia outonal, carecia de brilho humano. Dir-se-ia que aqueles olhos – pontos negros sobre rostos mortos – não viam nada daquilo que observavam, ou melhor, não queriam ver, diante do temor secreto que a contemplação do sangue derramado por eles lhes fizesse sentir o desejo de seguir derramando-o.

Tinham frio. Os fuzis tremiam em suas mãos e as baionetas flutuavam pelos ares. Mas aqueles calafrios de seus corpos resultavam impotentes para despertar seus corações impassíveis, corações há muito tempo mortos pela violação da própria vontade, assim como seus cérebros.

O homem de longa barba e de olhos azuis se levantou do solo e, tremendo, se pôs a falar com a voz vacilante:

- Não me mataram... porque eu lhes disse a verdade santa... não me mataram...

A multidão avançou de novo, lentamente, com uma atitude severa, recolhendo os mortos e os feridos.

Algumas pessoas se puseram ao lado do homem barbado, que falava aos soldados, e interrompendo-o, gritavam também, chamando os soldados à razão, dirigindo-lhes reprovações saturadas de raiva, choros de dor e piedade. Havia em suas vozes uma fé ingênua no triunfo da verdade, um desejo de demonstrar aos soldados a sua loucura e a estupidez de sua crueldade, uma ânsia de fazê-los compreender que acabavam de cometer um terrível erro. Se esforçavam por despertar neles a consciência da vergonha e o horror de seu papel involuntário, porém repugnante.

O oficial sacou seu revólver do coldre, o examinou atentamente com o olhar e avançou em direção àquele grupo. As pessoas recuaram prontamente, como uma pedra rolando montanha abaixo.

O homem barbado de olhos azulados não se moveu um passo, acolhendo ao oficial que se aproximava com palavras cheias de ardentes reprovações. E, assinalando com um gesto forte o sangue que se via ao redor, lhe disse:

- Como pode justificar isto!? Reflita! Isto é um crime imperdoável!

O oficial se colocou diante dele, franziu as sobrancelhas e estendeu a mão com o revólver. Não se ouviu o disparo, apenas se viu a labareda que envolvia a mão do assassino. O oficial disparou três vezes seguidas. Depois da terceira, as pernas do homem se dobraram, inclinándolo para trás enquanto agitava sua mão direita.

As pessoas avançavam de todas as partes em direção ao assassino, que começava a recuar, agitando seu sabre e apontando seu revólver para aqueles que o perseguiam. Um menino se atirou aos seus pés e o oficial atravessou-lhe o ventre com o sabre. Se pôs a gritar, sempre recuando. Alguém lhe tacou um gorro no rosto. Lhe atiravam bolas de neve ensanguentadas.

Um minuto depois, o suboficial e vários soldados chegaram para acudir o chefe. Apontaram as baionetas para as massas e a multidão se dispersou. O vencedor ameaçava com seu sabre, que mais uma vez atravessava o corpo do menino, que seguia segurando seus pés, manchando a neve de sangue.

Os sons horríveis da corneta se ouviram novamente.

A multidão, espantada por aquele toque, abandonou rapidamente a praça. A corneta seguia estremecendo o ar, acentuando o caráter trágico daquela cena.

A cor viva e vermelha do sangue irritava a vista, atraía os olhares, fascinava, despertava um desejo horroroso de ver mais, sempre mais, em todas as partes. Os soldados estavam excitados e movimentavam seus pescoços, como se procurassem com sua vista mais vítimas para suas balas...

O oficial, de pé diante deles, agitava furiosamente o sabre; clamava algo com a voz aguda, convulsiva, selvagem, plena de raiva.

As pessoas gritavam de todos os lados:

- Carrasco!

- Canalha!

As ruas estavam cheias de gente.

Havia relativamente poucos trabalhadores. A maioria era pequenos comerciantes e empregados. Alguns haviam visto o sangue e os cadáveres, e outros haviam sido eles mesmos maltratados pela polícia. A angústia os obrigava a sair de suas casas para a rua, e semeavam o medo e a inquietude em todas as partes, aumentando mais ainda o caráter horrendo daquela jornada.

Os homens, as mulheres, as crianças, todos dirigiam ao redor seus olhares perturbados, escutavam, esperavam algo. Se referiam aos detalhes dos assassinatos cometidos e soltavam gritos de indignação, amaldiçoando os assassinos. Em torno dos trabalhadores feridos grupos levemente se formavam e lhes faziam perguntas em voz baixa, como se comunicassem algo muito íntimo e misterioso.

Ninguém podia falar o que se necessitava e o que deveria ser feito. E ninguém queria fazê-lo. Se compreendia que algo muito grave havia acontecido, e que aqueles assassinatos seriam seguidos de algo mais trágico e mais profundo que as centenas de mortos e feridos.

Até aquele dia haviam tido ideias vagas, formadas não se sabe quando nem por quem, a respeito das autoridades, a lei e seus direitos. As pessoas não se ocupavam disto nem procuravam formular ideias fixas e determinadas com precisão. Isto não lhes impedia de cobrir suas mentes com uma densa capa de preconceitos. Se habituaram a crer que existia na vida uma força destinada a defendê-los e capaz de o fazer. O costume de confiar na lei lhes dava uma certa segurança, não admitia que outras ideias entrassem em suas cabeças e lhes defendia contra pensamentos perturbadores. Viviam tranquilamente com a fé na força da lei. A vida, é verdade, fazia vacilar com frequência aquela fé com seus sensíveis golpes. Mas seguiam conservando-a, porque resultava cômoda e porque fazia a existência mais suportável.

E naquele dia, subitamente, a consciência da multidão foi liberta. Como se a cortina que a cobrisse caíra feita em pedaços; a angústia e o frio invadiram os corações. Tudo o que parecia tão solidamente estabelecido, fixo, disposto, se despedaçou de repente, se rompeu, se decompôs. Todos, de um modo mais ou menos claro, se sentiram de súbito privados de algo, isolados, indefensáveis perante a força cruel e cínica que burlava o direito e a lei. Aquela força dispunha de todas as existências. Tinha o direito de semear a morte, sem prestar contas a ninguém, e a destruir todas as vidas humanas que quisesse. Ninguém poderia impedi-la e nem necessitava do parecer de qualquer pessoa. Era todo-poderosa e manifestava tranquilamente seu terrível poder, obstruindo as ruas de maneira insensata inundando-as com sangue e bloqueando-as com montanhas de cadáveres. Seu capricho louco e sanguinário estava a vista de todos e inspirava uma inquietude geral e um medo que paralisava a alma. E, ao mesmo tempo, despertava a razão, obrigando-a a pensar e a buscar uma defesa qualquer contra essa força e novos meios para proteger a vida.

Um homem largo e forte atravessava a rua com a cabeça baixa, agitando seus braços ensanguentados. Seu abrigo estava cheio de manchas de sangue.

-Estás ferido? - lhe perguntaram

- Não.

- E esse sangue?

- Não é meu, senhores... é o sangue dos que, por ter fé...

Não terminou a frase, apenas seguiu seu caminho.

Um destacamento de cavalaria, agitando suas nagaikas¹, avançava veloz. A multidão fugia em todas as direções, atropelando-se, tropeçando sobre os muros. Os soldados, embriagados, sorriam bestialmente, balançando-se sobre as selas dos cavalos, golpeando com suas nagaikas as pessoas que estavam ao seu alcance. Parecia que faziam de mau ímpeto. Um ferido caiu, mas se pôs de pé em seguida:

- Por que, imbecil, por que nos assassina?

Um soldado empunhou rapidamente o fuzil e, apontando-lhe, fez um disparo. O homem caiu de novo. O soldado começou a rir.

- Estão vendo o que fazem estes canalhas? - gritou tremendo de cólera um senhor enérgico e bem vestido, olhando para toda parte com seu rosto pálido e alterado – Como se pode viver assim? Digam-me, por favor! Vocês por acaso entendem alguma coisa? Olhem! Olhem!

O ruído das vozes excitadas enchia o ar com um caos ensurdecido. Em meio às torturas do terror, do pânico, do desespero, aparecia lentamente algo que, tímido e vago, fazia renascer o pensamento como um resplendor novo.

Havia também pessoas tranquilas que perguntavam:

- Por que repreendestes o soldado?

- Porque ele nos açoita!

- Devia ter se afastado, simplesmente.

Ao fundo da porta de uma garagem, duas mulheres e um estudante faziam curativos em um operário, ferido no braço. Sofria horrivelmente, parecia taciturno e olhando ao redor, dizia aos que lhe assistiam:

- Havia intenções criminosas! Somente os covardes e os espiões diriam outra coisa. Foi visto claramente... Os ministros sabiam perfeitamente que nós íamos; conheciam perfeitamente nossa petição... Covardes! Tinham todo o tempo para impedir que fossemos... Podiam ter nos contado... Essa não foi a primeira vez que nos reunimos... Todo mundo, tanto a polícia quanto os ministros sabiam que nós íamos ao palácio... Bandidos!

- O que vocês pediam? - perguntou um senhor velho e delgado, que parecia sério e pensativo.

- Suplicávamos ao czar que convocasse os eleitos pelo povo para governar em parceria com eles, e não com os chinovniks² que arruinam a Rússia. Esta canalha está reduzindo o povo inteiro à miséria... é hora de acabar com ela... sim, é a hora...

- É verdade... É indispensável! - observou o senhor velho.

Terminaram o curativo do operário, baixando com precaução a manga de seu abrigo.

- Muito obrigado, senhoras e senhores! - exclamou docemente – Eu bem dizia aos meus camaradas que não valia a pena vir e que isto não resultaria em nada... E de fato podem-se ver as provas!

Meteu com precaução a mão entre dois botões de seu abrigo e foi embora sem pressa.

- Vê como pensa essas gentes? É complicado...

- Certamente... Mas de todo modo, é demasiado escandaloso assassiná-los...

- Por outro lado, não há solução. Hoje foi a vez deles, amanhã poderá ser a minha. E o que ocorrerá, então?

- Você tem razão, senhor.

Noutro lugar se disputava ardentemente.

- Por acaso ele não sabia nada?

- Se ele não sabe de nada, pra que serve então?

Os que queria suscitar a imagem do czar e salvar seu prestígio estavam agora em minoria. Provocavam o ódio nas massas com seu intento de reviver o fantasma morto... Atacava-se a eles como aos inimigos, e eles desapareciam temerosamente. As pessoas tratavam de se libertarem por completo dos resíduos de sua ingênua crença. A excitação crescia e o pensamento trabalhava.

Na rua apareceu uma bateria, que atropelava a multidão. Os soldados a cavalo olhavam diante de si com os olhos pensativos sobre as cabeças das massas. A multidão se agitava, abrindo caminho, em um silêncio lúgubre.

Se ouvia o ruído das pisadas dos cavalos e dos carregadores. Os canhões, inclinando suas bocas, contemplavam a terra atentamente, como se quisessem farejá-la. O cortejo tinha o aspecto de um funeral.

O estalo de uma descarga de fuzilaria rasgou os ares. As pessoas se calaram para escutar. Alguém disse:

- Matam mais e mais! Nunca tem o bastante!

A multidão redobrava sua animação novamente.

- De onde disparam?

- Do outro lado do rio.

- Você ouviu?

- Não é possível!

- Espero que tenham se apoderado do arsenal...

- Nada mal, nada mal!

- Mas são muitos?

- Não sei. Cortaram os fios telegráficos. Estão levantando barricadas...

- Mas isso é muito grave!

- São muitos?

- Sim

- Sim! Ao menos o sangue inocente foi vingado!

- Vamos lá!

- Iván Ivanich, pronto...vamos!

- Tomara que seja algo grandioso...

Diante da multidão apareceu um homem, cuja voz ressoou no crepúsculo:

- Quem quer lutar pela liberdade, pelo povo, pelos direitos do homem à vida e ao trabalho? Quem deseja morrer lutando pelo porvenir?

Uns se dirigiram a ele, formando, no centro da rua, um grupo bastante numeroso. Outros tratavam de fugir rapidamente.

- Temos que pensar... Temos que entender...

- Veja como o povo está irritado!

- Lhes sobram razões para lutar!

- E todavia há de se ver mais e mais horrores! Meu deus, meu deus!

- O que está havendo?

As pessoas começavam a desaparecer na escuridão da noite, a caminho de suas casas, levando consigo a inquietude, o sentimento horrível de seu isolamento, a consciência recém desperta de uma vida cheia de dores. Vida de escravos, sem nenhum sentido e direito!... Mas sentindo, não obstante, o desejo de adaptarem-se ao que fora proveitoso e cômodo.

Aquilo era horrível. A escuridão separava as pessoas, rompendo o débil laço do interesse exterior. Os que não sentiam a febre interior da revolta marchavam com rapidez às suas míseras casas. A noite enegreceu mais ainda, Mas as lanternas não se acendiam.

De repente, ouviu-se uma voz grossa que gritou:

- Os cossacos!

Ao extremo da rua apareceu um esquadrão. Os cavalos trotaram por um momento, como se vacilassem. Mas em seguida se precipitaram sobre a multidão. Os cossacos começaram a estalar alaridos selvagens, nos quais havia algo inumano, cego, obscuro, desesperado, triste. Nas trevas da noite, os cavaleiros e os cavalos pareciam menores. Os sabres brilhavam com resplendor mortal. Soavam menos gritos e mais golpes.

- Temos que contestá-los como der, companheiros! Sangue por sangue! Golpeiem com mais força!

-Fujam! Ponham-se a salvo!

- Armam-se com pedras!

- Você está louco?

Entre arrancões e relinchos, os cavalos derrubavam aqueles corpos negros. Se ouviam os sabres e as vozes de comando.

- Mirem! - ordenou o oficial.

A corneta tocava nervosamente. Os indivíduos da multidão escapavam, se escondendo aqui e lá, atropelando-se uns aos outros. A rua ficava solitária. Em sua parte central havia um monte de armas negras. Mais afrente se distinguia o rápido galopar dos cavalos.

- Te feriram, companheiro?

- Acho que cortaram uma orelha minha.

- É impossível fazer algo sem armas!

Na rua deserta continuava-se escutando os ecos da fuzilaria.

- Os malditos não se cansam!

Sobreveio o silêncio, interrompido somente pelo ruído de passos apressados. Parecia mentira que naquela rua houvesse tão pouco movimento, um silêncio tão grande! Um murmuro surdo e úmido se elevou em toda parte, como se o oceano tivesse invadido a capital.

Por entre as trevas brotou um gemido suavíssimo de alguém, que paralisava sua respiração penosa. Uma voz perguntou, inquieta:

- Te feriram, companheiro?

- Cala-te! Não me ocorreu nada! - respondeu uma voz rouca.

Na rua próxima, onde os cossacos haviam disparado, apareceu uma densa multidão, que a ocupou por inteiro. Alguém exclamou:

- O direito de sermos cidadãos, a partir de hoje, foi comprado ao preço de nosso sangue.

Uma voz dolorida e vacilante lhe interrompeu:

- Procuramos nossos governantes como procuramos a Deus!

Outra voz ameaçadora e rude advertiu:

- Jamais esqueceremos este dia!

A multidão avançava com rapidez. Todos falavam ao mesmo tempo, as palavras se confundiam em uma gritaria faticamente lobrega.

Às vezes, uma voz, quase uma interjeição, ofuscava momentaneamente os demais.

- Quanta gente foi morta hoje, meu deus!

- E por que, por que?

- Oh, este feito nefasto nunca o esqueceremos!

Uma exclamação nervosa e solene como uma profecia ressoou pelos ares:

- Vocês esqueceram rapidamente, porque possuem alma de escravos! Que importa o sangue alheio?

- Cala-te, companheiro!

A escuridão se fez mais densa e o silêncio mais profundo. As turbas caminhavam, volvendo-se para aquela voz, aquele grunhido...

Sobre a calçada de uma rua se projetava, desde a janela de uma casa, o resplandecer de uma luz amarela, que permitia distinguir as silhuetas sombrias de dois homens. Um, atirado no chão, apoiava seus ombros contra a lanterna, o outro se inclinava sobre ele, parecendo que tentava incorporá-lo.

Uma voz vibrante e preenchida com um tom melancólico repetiu:

- Escravos!

1- Chicote curto utilizado pelos cossacos

2- Burocrata membro do governo da Rússia czarista.

Sobre o autor

Máximo Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, foi um importante escritor, dramaturgo e ativista político russo. Nascido em 28 de março de 1868, Gorki teve uma infância difícil, imersa em pobreza. Começando a trabalhar com dez anos de idade, Gorki passou sua mocidade e sua juventude viajando a Rússia em busca de emprego, exercendo diversas profissões e sentindo na pele a miséria, a fome e o frio que as acompanhava. Após uma tentativa falha de tirar a própria vida, o escritor se depara com os escritos de Marx e se dedica à vida política, engajando-se em atividades do partido bolchevique.

A dura realidade da classe trabalhadora, bem como a perseguição política por parte da repressão, promoveram grandes influências em sua obra literária, tornando-o como o principal expoente da escola do *Realismo Socialista*. Essa escola propagou a luta de classes no campo da literatura e iniciou uma nova geração de escritores que rompiam e batalhavam constantemente contra as concepções burguesas na arte. Enquanto a decadente e pedante produção artística burguesa que, sendo parte da concepção de mundo da burguesia e interessada na manutenção do *status quo*, busca por todas as vias a fuga à realidade, a distorção mais vulgar e embrutecedora da vida, o culto ao ócio e à decomposição da classe dominante, Gorki, em seus escritos, adotou a concepção proletária: retratou a vida e a luta das massas de milhões e bilhões de trabalhadores oprimidos, os construtores autênticos de toda as riquezas, a classe operária e o campesinato. Sua arte se alimentava da verdade, da vida das massas, de seu heroísmo cotidiano na luta de classes e na luta pela sobrevivência.

Amigo próximo de Lênin e Stalin, Gorki tornou-se a maior figura literária da União Soviética. Sua literatura foi capaz de transformar aqueles que durante toda a história permaneceram excluídos em heróis a serem lembrados pelos mais belos feitos e os mais árduos sacrifícios.

O escritor morreu de pneumonia em 18 de junho de 1936. Foi sepultado com todas as honras oficiais e seu caixão carregado pelo próprio Camarada Stalin, junto a outros membros do Partido.

Suas principais Obras:

A mãe

Ganhando meu pão

A vida de um homem inútil

Vinte e seis e mais uma



MEPR
Brasil - 2017